

## Um Levantamento das Pesquisas Brasileiras sobre o Aproveitamento das Potencialidades do Ciberjornalismo<sup>1</sup>

Gabriel Rizzo HOEWELL<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### Resumo

O presente trabalho busca identificar pesquisas produzidas no Brasil sobre ciberjornalismo e suas potencialidades, apontando o que elas têm investigado e quais suas principais conclusões. Insere-se no que Bonin (2008) chama de “pesquisa da pesquisa”, explorando o Banco de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Partindo-se do debate sobre jornalismo contextualizado (PAVLIK, 2001) e a aplicação dos elementos da *web* elencados por Canavilhas *et al* (2014) na produção editorial ciberjornalística, identificam-se alguns dos principais achados no campo. O levantamento mostra uma produção acadêmica plural, que indica que o aproveitamento das potencialidades liga-se a diferentes lógicas de produção e que, enquanto multimídia, interatividade e hipertextualidade são bastante pesquisadas, a ubiquidade carece de estudos.

**Palavras-chave:** ciberjornalismo; jornalismo contextualizado; produção editorial; produção multiplataforma

### Introdução

A notícia é reflexo da produção editorial jornalística. Seu conteúdo e sua forma são moldados pelas peculiaridades desse processo: rotinas e estruturas de produção, orientações editoriais, recursos e profissionais disponíveis, cultura profissional. A mediação entre os fatos jornalísticos e o consumidor da notícia é, portanto, definida pelas especificidades da produção editorial do veículo. O produto noticioso será fruto dessas condições independentemente do suporte em que ele se apresente. No entanto, um novo elemento se apresenta com a Internet, e as inovações tecnológicas implicam em mudanças na prática jornalística. Em um cenário em transformação e permeado por questionamentos sobre seu futuro, a produção de jornalismo para a *web* precisa ser debatida.

Pavlik (2001) fala do surgimento de um jornalismo contextualizado, que explora as potencialidades tecnológicas para reconfiguração do campo. Com base em Canavilhas *et al* (2014), pode-se listar elementos próprios da Internet e que oferecem novos horizontes ao jornalismo: multimídia, hipertextualidade, interatividade, memória, personalização, ubiquidade e instantaneidade. Mas, a aplicação de tais elementos para um jornalismo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e membro do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD).

contextualizado passa por uma adaptação das redações e dos jornalistas (ZAMITH, 2011), e, conseqüentemente, da própria produção editorial.

O presente levantamento buscará expor o que os estudos produzidos no Brasil sobre ciberjornalismo e aproveitamento de suas potencialidades têm investigado e quais suas principais conclusões. Para isso, serão feitas pesquisas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES<sup>3</sup> e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)<sup>4</sup>. As investigações mapeadas foram produzidas entre 1998 – data da pesquisa mais antiga encontrada – e 2015. Este trabalho pretende apresentar bases para a construção de um estado da arte a ser delineado no âmbito do Mestrado. Insere-se, dessa forma, no que Bonin (2008) chama de “pesquisa da pesquisa”, sintetizando contribuições que tragam avanços para futuras pesquisas. “Torna-se, por conseguinte, uma prática relevante para tomar contato com esta produção, a fim de que as novas investigações contemplem e considerem estes desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar *com e a partir deles*” (BONIN, 2008, p.123).

## 1. Jornalismo contextualizado

A emergência da *web* como plataforma para produção e divulgação de conteúdo jornalístico trouxe consigo expectativas de mudanças no cenário comunicacional. O ciberjornalismo ainda iniciava sua terceira fase, a de produção de conteúdo próprio para a *web* (PAVLIK, 2001), quando Pavlik escreveu sobre a nova forma de jornalismo que surgia na Internet, o “jornalismo contextualizado”. Este se diferenciava pela ubiquidade, pelo acesso global e instantâneo às informações, pela interatividade, pela multimídia e pela customização. “Isso representa um jornalismo potencialmente melhor porque pode reengajar uma audiência cada vez mais desconfiada e alienada<sup>5</sup>” (PAVLIK, 2001, p. XI).

Entretanto, Pavlik jamais compreendeu a nova mídia sob uma perspectiva tecnologicamente determinista. Para ele, o que se apresenta é uma promessa – e não uma certeza. Esse jornalismo contextualizado sustenta-se sobre cinco pilares básicos: a variedade de modalidades comunicacionais (multimídia), a escrita não-linear e hipermidiática (hipertexto), uma audiência altamente envolvida (interatividade), a personalização e o conteúdo dinâmico (atualização contínua).

<sup>3</sup> Disponível em <<http://capesdw.capes.gov.br/>>. Pesquisa realizada em junho de 2016.

<sup>4</sup> Disponível em <<http://bdt.d.ibict.br/vufind/>>. Pesquisa realizada em junho de 2016.

<sup>5</sup> “This represents a potentially better form of journalism because it can reengage an increasingly distrustful and alienated audience”. As traduções presentes neste artigo são do autor.

O autor atribui ao jornalismo contextualizado um importante papel na construção da democracia, refletindo uma sociedade complexa. Segundo ele, a imprensa falha na tarefa de informar bem os cidadãos, base para a democracia. Com a Internet, limitações de tempo e espaço – causas de histórias truncadas e rasas – poderiam ser superadas, em troca de uma narrativa multidimensional em que os leitores são parte. Trata-se, porém, de potenciais.

Dez anos depois de ter cunhado o conceito de jornalismo contextualizado, Pavlik foi entrevistado por Zamith (2011), que procurava entender a opinião do autor sobre o assunto dentro de um novo cenário. Pavlik manteve sua definição conceitual e, operacionalmente, destacou as ferramentas para narrativas ubíquas. Ainda assim, “Pavlik reconhece que a sua ‘declaração ou previsão de jornalismo contextualizado foi apenas parcialmente confirmada’ [...] ‘na generalidade, este potencial continua por cumprir’” (ZAMITH, 2011, p.231). Falta, para a produção desse tipo de conteúdo, uma estrutura institucional e organizacional que se destine rotineiramente a isso, afirma. A própria lógica de produção editorial jornalística não permitiria um produto que incorporasse as novas potencialidades tecnológicas.

Zamith (2011) amplia o debate sobre jornalismo contextualizado entrevistando outros pesquisadores. Machado<sup>6</sup> acredita que o modelo proposto por Pavlik é pouco funcional, pois vai na contramão da tendência atual – imediatista e pouco interpretativa – e não deve ser aceito como a única forma de se fazer jornalismo. Domingo<sup>7</sup> afirma que Pavlik é demasiado otimista e põe o foco nas possibilidades tecnológicas e não nos processos sociais da redação: “a Internet não pode gerar mudanças automaticamente na maneira de trabalhar dos jornalistas. É um processo social sempre muito mais lento do que esperamos” (DOMINGO *apud* ZAMITH, 2011, p. 234). Bastos<sup>8</sup> vê o jornalismo contextualizado, com a conjugação das potencialidades, quase como uma distante utopia. Pondera, porém, que as ideias são boas e exequíveis, desde que o funcionamento das redações seja reconfigurado.

Para Canavilhas<sup>9</sup> (*apud* ZAMITH, 2011, p.239):

1) A hipertextualidade continua a ser uma miragem, resumindo-se a ligações ocasionais a notícias relacionadas. 2) A multimedialidade é usada por acumulação e não em complementaridade. 3) O envolvimento da audiência resume-se à publicação de comentários raramente intermediados, nunca respondidos e jamais aproveitados na atualização das notícias. 4) A personalização fica-se pela sindicância de conteúdos.

<sup>6</sup> MACHADO, E. Entrevista concedida a Fernando Zamith., em 2011.

<sup>7</sup> DOMINGO, D. Entrevista concedida a Fernando Zamith, em 2011.

<sup>8</sup> BASTOS, H. Entrevista concedida a Fernando Zamith., em 2011.

<sup>9</sup> CANAVILHAS, J. Entrevista concedida a Fernando Zamith, em 2011.

Percebe-se, pois, que multimídia, hipertexto e materiais de contexto têm um grande potencial, “mas acrescentam muito pouco se a lógica por detrás das operações comerciais correr contra a corrente de tais inovações” (SCOTT<sup>10</sup>, 2005 *apud* BASTOS, 2012).

## 2. Elementos do ciberjornalismo

A ideia de jornalismo contextualizado se baseia nas mudanças que o novo meio pode trazer para a profissão graças a aspectos que lhes são peculiares. Canavilhas *et al* (2014) elencam sete características diferenciadoras do ciberjornalismo: multimídia, hipertextualidade, interatividade, personalização, memória, instantaneidade e ubiquidade.

A *multimídia* é a “convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico” (PALACIOS, 2002, p.3). Esse potencial não é exclusividade da Internet, mas nela alcança um nível superior. É necessário, para isso, integração, e não somente complementaridade dos conteúdos, destaca Canavilhas (2007). Salaverría (2014) fala em coordenação sem competição: “O texto, o som, as imagens e o vídeo, assim como outros elementos que possam surgir no futuro, devem estar devidamente coordenados para que o resultado seja harmonioso” (SALAVERRÍA, 2014, p.40).

A *hipertextualidade* é a essência da *web* e se dá por conexões entre páginas e informações, através de links. “Esta característica permite trabalhar conteúdos em termos de contexto e profundidade, ou seja, desdobrando informações em outras estruturas informativas para aprofundar assuntos, enfoques, pontos de vista” (SCHWINGEL, 2008, p.76). O hipertexto é a base da leitura não-linear (CANAVILHAS, 2014) e dá ao leitor o papel de “produtor de significação” (AMARAL, 2005, p. 137).

A *interatividade* é outra característica fundamental. Mostrando a força do usuário na *web*, Canavilhas (2001, p.2) afirma que “a máxima ‘nós escrevemos, vocês leem’ pertence ao passado”. Rost (2006) entende interatividade como a capacidade do meio de dar aos indivíduos o poder de selecionar conteúdos ou se expressar. Para Amaral (2005, p.138), “a definição exacta de interactividade é ‘tipo de relação com uma máquina que implica uma reciprocidade das trocas’” (AMARAL, 2005, p. 138).

Ligada à interatividade está a *personalização*, customização do conteúdo às preferências do usuário. “Customizar relaciona-se à escolha prévia, à opção de leitura e acesso, portanto, através desta característica, o usuário pode alterar os critérios editoriais do produto” (SCHWINGEL, 2008, p. 76). Personalizar é buscar atender a necessidades e

---

<sup>10</sup> SCOTT, B. A Contemporary History of Digital Journalism. In.: *Television & New Media*, Vol.6 N.1, Fev. 89-126, 2005.

preferências do usuário.

Outro elemento do ciberjornalismo é a *memória*. Na *web*, sem limites físicos de armazenamento e conectada a interatividade, hipertextualidade, multimídia, personalização e instantaneidade, seu potencial é maior. Suas possibilidades são oferecidas não mais só para o jornalista, mas também para o usuário, que pode acessar o arquivo a qualquer momento, por meio de motores de busca baseados em palavras-chaves e datas (PALACIOS, 2002) para ampliar o conhecimento e contextualizar informações.

A *instantaneidade*, por sua vez, é característica cada vez mais marcante do ciberjornalismo: “A atualidade, característica básica dos meios audiovisuais clássicos, se vê superada na Internet pela instantaneidade ou simultaneidade<sup>11</sup>” (PARRA VALCARCE; ÁLVARES MARCOS, 2004, p.105). A atualidade agora é acumulativa e não substitutiva, sucessiva e sequencial. As “últimas notícias” se tornaram um diferencial dos cibermeios, com fluxo contínuo de informação e acompanhamento minuto a minuto dos fatos.

Por fim, a sétima característica é a *ubiquidade*, que “significa ser encontrado em todo lugar” (PAVLIK, 2014, p. 160). Refere-se aqui à mídia acessível em qualquer lugar – com as condições técnicas –, em tempo real e com possibilidade de interação. Esse fenômeno ganha força com os dispositivos móveis. Como consequência, emerge o jornalismo cidadão e o jornalista se configura como *gatewatcher* autenticador e curador de notícias.

Dessa forma, vê-se que o ciberjornalismo se diferencia por componentes tecnológicos. Para se propor como nova mídia jornalística, porém, é preciso que ele faça uso do que lhe é próprio. No entanto, por diversas questões editoriais, nem todos os produtos ciberjornalísticos exploram estas potencialidades, como se pode perceber em um rápido acesso à Internet. Aqui, será mapeado o que alguns pesquisadores brasileiros têm descoberto sobre o aproveitamento desses elementos pelos veículos jornalísticos.

### 3. A pesquisa da pesquisa

Para delimitar essa “pesquisa da pesquisa” (BONIN, 2008), foram analisados o Banco de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

Dado o grande debate acadêmico a respeito da denominação da prática do jornalismo na *web*, foi preciso recorrer a diversas terminologias no momento da pesquisa. São utilizados com significativa frequência termos como “webjornalismo”

---

<sup>11</sup> “La actualidad, característica básica de los medios audiovisuales clásicos, se ve superada en internet por la instantaneidad o simultaneidad”.

(CANAVILHAS, 2014), “jornalismo digital” (ROST, 2006), “jornalismo online” (PALACIOS, 2002) e “ciberjornalismo” (SCHWINGEL, 2008). Desta forma, partiu-se desses quatro termos principais para, através do cruzamento com outras palavras-chave, chegar-se a teses e dissertações úteis à construção desse artigo.

Uma vez que esta pesquisa busca analisar o uso das potencialidades da Internet, foram pesquisadas, juntas dos termos previamente listados, as palavras “potencialidades”, “características” e “elementos”, todas utilizadas como sinônimos para descrever as características diferenciadoras do ciberjornalismo enumeradas por Canavilhas (2014), estas (“multimídia”, “hipertextualidade”, “interatividade”, “ubiquidade”, “memória”, “personalização”, “instantaneidade”) também pesquisadas juntas dos quatro termos iniciais.

A partir dessas palavras-chave foram, então, realizadas 40 combinações diferentes, utilizadas como modo de entrada para as pesquisas nos dois bancos de dados. No BDTD, encontrou-se um total de 234 registros. No banco da CAPES, filtrou-se os resultados com base nas áreas de concentração afins, delimitando-as através dos termos “comunicação”, “jornalismo” e “digital” e encontrou-se 15248 resultados. Devido à grande quantidade de trabalhos deste banco, foram analisados os 20 primeiros registros encontrados em cada uma das 40 pesquisas – a ordem é estabelecida pelo sistema de busca por um critério de relevância –, totalizando 780 resultados. Excluindo-se teses e dissertações encontradas mais de uma vez, restaram 277 trabalhos para análise nos dois bancos. Em um passo seguinte, as 277 pesquisas foram avaliadas para verificar a adequação ao tema de interesse. Restaram, então, para análise nesta investigação, 34 trabalhos, sendo 5 teses e 29 dissertações.

### **3.1. Principais achados**

Entre as 34 produções selecionadas, seis foram realizadas na Universidade Federal da Bahia (UFBA), cinco na Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), quatro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e quatro na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Verifica-se uma pluralidade de iniciativas ciberjornalísticas analisadas. Há dados de 88 veículos sobre a exploração de ao menos uma das potencialidades aqui listadas. Destes, 43 são nacionais, sendo 11 com foco no noticiário local. Aparecem com mais frequência Folha de S.Paulo (8 pesquisas), O Estado de São Paulo (7), O Globo (6), NE10 (4) e Zero Hora (4). O perfil das publicações é variado, predominando sites vinculados a jornais impressos (15) e sites nativos da Internet (13, incluindo blogs). As pesquisas distinguem-se também quanto à plataforma analisada: 26

pesquisam somente versões *web*, enquanto 6 investigam apenas versões para *tablet* e duas traçam paralelos entre as versões impressa, para *tablet* e para *web*.

Com relação às características, a *hipertextualidade* foi investigada 27 vezes, a *multimedialidade*, 26, a *interatividade*, 25, a *memória* e/ou os *bancos de dados*, 16, a *personalização*, 13, a *atualização* e/ou a *instantaneidade*, 12 e a *ubiquidade*, duas. Nesse sentido, é importante ponderar que para alguns autores, como Souza (2013), o uso de banco de dados pode não configurar necessariamente o aproveitamento da memória, ainda que ambas as características sejam, às vezes, avaliadas conjuntamente. Ressalta-se ainda que pesquisadores como Leitão (2014) podem compreender que a liberdade do internauta em escolher os caminhos por onde navegará no site esteja ligada a personalização, enquanto outros podem adotar a ideia de Rost (2006) de que tal liberdade vincula-se à interatividade seletiva. Foi visível nesse levantamento que a percepção sobre o aproveitamento das potencialidades varia de acordo com os critérios de avaliação. Da mesma forma, ao longo do tempo os critérios evoluíram e as exigências sobre multimedialidade e interatividade, por exemplo, foram alteradas, não sendo, para muitos autores, satisfatória a simples apresentação de fotografias e espaço para comentários.

Destaca-se ainda que realidades diferentes foram encontradas por pesquisas que se aprofundaram em modelos e contextos variados: jornais locais, veículos internacionais, blogs, sites nativos da *web* ou sites oriundos de veículos impressos. Rocha (2014), por exemplo, analisa o aproveitamento das potencialidades da Internet em seis cibermeios locais de Dourados (MS). Ele verifica que apenas 6,73% das 2004 notícias analisadas aproveitaram-se de ao menos um dos recursos. O uso das potencialidades está diretamente ligado ao tamanho da estrutura dos cibermeios, afirma. Já trabalhos que investigaram veículos internacionais apontam para uma diferença de comportamento especialmente no que tange ao hipertexto. Martins (2013) afirma que The New York Times (EUA) e The Guardian (Reino Unido) utilizaram hiperlinks com mais frequência que Estadão e Folha. Figueiredo (2014), que analisou versões para dispositivos móveis, não encontrou links em metade dos veículos brasileiros analisados, ausência sentida somente em um dos oito estrangeiros. O resultado merece debate e pode passar por diferenças nas culturas profissionais e direcionamentos organizacionais, modeladores da produção editorial. Da mesma forma, veículos jornalísticos com outras lógicas de produção, como os blogs, podem aproveitar a Internet de maneiras diferentes das de grandes empresas da área. Dalmaso (2011) encontrou significativa quantidade de links nos blogs analisados. Muitos deles,

principalmente nos blogs O Biscoito Fino e A Massa e Luis Nassif, remetiam externamente. Concluiu-se que os links usados eram majoritariamente úteis para a complementação da discussão proposta nas postagens. No trabalho de Alonge (2013) chama a atenção a baixa exploração da multimídia em blogs como o de Fernando Rodrigues e de Luís Nassif.

As diversas formas de apropriação da tecnologia pelos veículos refletem, de alguma maneira, as diferenças nas lógicas de produção editorial. Dada a pluralidade de perfis entre os cibermeios analisados, este mapeamento destacará os sites cujas pesquisas identificadas mais se aprofundam e contribuem para a discussão.

### 3.2. Principais veículos

O levantamento mostra que o site da *Folha de S. Paulo* é o que mais tem teses e dissertações a respeito das potencialidades do ciberjornalismo. De maneira geral, os trabalhos encontram bom aproveitamento da *hipertextualidade*. Entretanto, pesquisas que enfocam funcionalidade e destino dos links ressaltam que o veículo normalmente redireciona para o próprio site (ANDRADE, 2015) ou, eventualmente, às suas redes sociais (MARTINS, 2013). Terossi (2012) ainda destaca que o hipertexto, apesar de bem identificado e de fácil navegação, tem pouca profundidade e pluralidade. Quanto à *multimídia*, alguns autores verificam sua exploração, com pequenas animações, ainda que sem recursos sonoros (SARAIVA JÚNIOR, 2005) e narrativas multimídia com infográficos (MARTINS, 2013). Outros encontram subutilização (TEROSSI, 2012; GRANDE, 2016). A diferença pode passar pelo fato de que os trabalhos que identificaram uso suficiente detiveram-se a coberturas especiais, que podem ter contado com maior planejamento, enquanto os demais basearam sua pesquisa na produção diária. A *instantaneidade* foi bem avaliada por Saraiva Júnior (2005), que diz haver constante atualização, e Silva (2013), que ressaltou que o site alimenta as notícias à medida que surgem informações. Quanto à *memória*, Saraiva Júnior (2005) verificou sua existência, mas com difícil acesso, Silva (2013) destaca seu bom funcionamento e Andrade (2015) resalta os links de “Leia mais”. Todos que analisaram *interatividade* na Folha observaram que o site atende a esse aspecto. Saraiva Júnior (2005) afirma que é possível participar de enquetes e emitir opiniões em espaço reservado. Silva (2013) destaca que é possível sugerir pautas e comentar – com o usuário moderando. Já Andrade (2015) diz que o site é muito superior ao do Estadão nesse quesito, com interatividade na navegação e no envio de notícias, comentários e compartilhamentos. A *personalização* não foi percebida por Saraiva



Júnior (2005) e Silva (2013), mas Andrade (2015) verifica recursos ligados a ela, como a opção de ouvir a notícia. A *ubiquidade* não foi analisada por nenhum trabalho encontrado.

Cinco trabalhos se dedicam aos elementos presentes no site d’*O Estado de São Paulo*, outros dois analisam sua versão para dispositivos móveis e um compara as duas modalidades com o impresso. Entre os que avaliam o site, percebe-se que trabalhos mais recentes constata subaproveitamento das potencialidades. Mielniczuk investigou, em 1998, a *hipertextualidade* na antiga versão do site, o NetEstado, e destaca a apresentação de matérias em forma de lista com hiperlinks. Saraiva Júnior (2005) vê a hipertextualidade como guia da navegação no site. No entanto, pesquisas interessadas em investigar função, destino e quantidade de links inseridos no texto, veem baixo aproveitamento da potencialidade. Há muitas publicações sem hipertexto (MARTINS, 2013) e ausência de links para ambientes externos, impedindo o aprofundamento da leitura (ANDRADE, 2015). Da mesma forma, os trabalhos apontam que a *multimedialidade* não é bem explorada. Saraiva Júnior (2005) afirma que o site é “carente em recursos multimidiáticos” e Andrade (2015) e Martins (2013) não encontram a característica em suas pesquisas. O trabalho de Mielniczuk (1998) verificou *interatividade* por meio de “Fale Conosco”, lista de e-mails e uma seção de sugestões e questionários para explicitação da opinião do usuário sobre o conteúdo e a navegação no site. Saraiva Júnior (2005) destaca a interação por enquetes e um quiz. Andrade (2015) ressalta que se, por um lado, é possível comentar as notícias, por outro não se pode compartilhá-las. A *memória* é de fácil acesso, segundo Saraiva Júnior (2005), mas para Andrade (2015) é subaproveitada. Quanto à *instantaneidade*, Saraiva Júnior (2005) constata “intensão clara de produzir informação continuamente”. Com relação à *personalização*, Andrade (2015) destaca a seção “Recomendadas”, que indica notícias baseada no histórico do leitor. A *ubiquidade* não foi investigada pelos trabalhos.

A produção do Estadão se estende ao *tablet* e, portanto, cabe destacar as pesquisas sobre a exploração desses elementos também nos dispositivos móveis. Da mesma forma que na versão para site, vê-se pouca *hipertextualidade*. Botão (2013) verificou que 52,87% das reportagens para *web* analisadas tinham hiperlinks e apenas 4,76% daquelas em iPad os possuíam. Figueiredo (2014) sequer encontrou links na versão móvel. A *multimedialidade* é explorada através de fotos, áudio e vídeo, cujas incidências no *tablet* são superiores às das outras versões (BOTÃO, 2013). Oliveira (2013) destaca as seções com conteúdo da TV Estadão e da Rádio ESPN/Estadão, mas percebe uma interface estática, sendo, em maior parte, texto e imagens. Para Botão “o aplicativo pode ser considerado uma releitura do

jornal impresso, com tentativas gráficas e multimidiáticas de caracterizá-lo como um canal distinto” (BOTÃO, 2013, p.161). A *personalização* não foi percebida por Botão (2013), e Oliveira (2013) destaca a ausência da possibilidade de agrupar informações de acordo com o interesse. A pesquisa de Figueiredo (2014), por outro lado, mostra que o Estadão permite regular o tamanho da fonte, personalizar as editorias e customizar a previsão do tempo. A *interatividade* aparentemente mostrou evolução. Se Oliveira (2013) classificou-a como pequena e não encontrou possibilidade de compartilhamento de notícias pelas redes sociais, no ano seguinte Figueiredo (2014) afirmou haver essa possibilidade, assim como a de comentários. Ele destaca ainda a rolagem horizontal como diferencial (dando a impressão de que o leitor folheia um jornal). Botão (2013) afirma que a interatividade no *tablet* é muito maior, mas aquém das possibilidades. Aspectos ligados à *ubiquidade* não foram identificados nem por Botão (2013) nem por Figueiredo (2014). A versão móvel do Estadão também não apresenta sistemas de busca, relacionados ao acesso à *memória* (OLIVEIRA, 2013; FIGUEIREDO, 2014). Quanto à *atualização*, Botão (2013) vê baixo grau.

A maior parte das pesquisas sobre aproveitamento de potencialidades ciberjornalísticas por *O Globo* enfocam a versão para *tablet* O Globo a Mais, editada até maio de 2015. Conde (2014) analisa a página d’O Globo, comparando-a à edição impressa e ao aplicativo móvel. A *instantaneidade* no site é considerada alta, com 71,5% das notícias avaliadas tendo menos de um dia. Por outro lado, vê-se que “a potencialidade do *hipertexto* enquanto característica capaz de promover maior contextualização e aprofundamento da informação jornalística é infimamente utilizada” (CONDE, 2014, p.185).

As análises da edição para dispositivos móveis indicam que a *hipertextualidade* é pouco explorada também no O Globo a Mais. Em 87% dos casos estudados por Conde (2014) não havia hipertexto. Oliveira (2013) classifica a hipertextualidade como pequena e Calado (2014) afirma que a narrativa é essencialmente linear, com links externos de contextualização. O levantamento ainda aponta baixa *instantaneidade*. Segundo Conde (2014), 73,3% das notícias tinham um dia ou mais e 20% não tinham qualquer nível de instantaneidade. Isso, assim como a ausência de hipertexto, se explica, para Conde (2014) pela linha editorial, que prevê um produto fechado em formato de revista digital multimídia, com lógica de produção semelhante a do impresso. Para Conde (2014), o diferencial do aplicativo está na *multimedialidade* e na taticidade. Oliveira (2013) identificou vídeos, galerias de fotos, áudio, e imagem em 360°. Entre os aplicativos por ela analisados, foi o que melhor trabalhou interatividade e multimedialidade. Calado (2014) também destaca a

integração entre vídeo, galerias e áudio. Quanto à *interatividade*, Figueiredo (2014) constata que este é o único dos dez aplicativos analisados em que não era possível comentar (apenas visualizar comentários). Tampouco se podia usufruir dos recursos táteis avaliados. Compartilhamentos eram possíveis. Oliveira (2013) encontra *personalização* nos sumários interativos que permitem modelar a navegação, e Figueiredo (2014) a percebe nas seleções do tamanho da fonte e das notícias favoritas, além da customização da previsão do tempo. O uso da *memória* mostra evolução: enquanto Oliveira (2013) não encontra sistemas de busca, o trabalho seguinte, de Figueiredo (2014), verifica a existência do recurso. Único a analisar a *ubiquidade*, Figueiredo (2014) não encontra sua apropriação pelo aplicativo.

O portal pernambucano *NE10* é estudado em três trabalhos. Para Cavalcanti (2013), o site ainda busca identidade como veículo da terceira geração do ciberjornalismo, explorando “recursos multimídia, interatividade, expansão da narrativa, atualização contínua” (CAVALCANTI, 2013, p.120), mas sem intensidade e frequência ideais. Ele afirma que o NE10 está ancorado em meios anteriores à *web*, devido a limitações impostas por “financiamento, estrutura da redação e a lógica da procura pelo ‘tempo real’” (CAVALCANTI, 2013, p.131). Já Leitão (2014) afirma que, mesmo sem recursos técnicos plenamente utilizados, devem-se destacar constantes como a interação com o público, a produção colaborativa e a liberdade do internauta. Entretanto, ainda é preciso adequar as propostas como “jornalismo contextualizado” à realidade cotidiana da *web* e das redações. Os trabalhos percebem bom índice de matérias multimídia. Cavalcanti (2013) identificou o recurso em 62,7% das notícias e Falcão (2013), em 58%. Leitão (2014) também relata a presença de algum grau de *multimedialidade*, especialmente com fotos, mas pouco audiovisual e nenhum infográfico. No entanto, as investigações veem falta de integração em muitos casos. Só em 0,7% das matérias analisadas por Cavalcanti (2013) o multimídia não era só recurso de apoio. As pesquisas mostram que a *hipertextualidade* é pouco explorada, visto que 63,37% das matérias analisadas por Cavalcanti (2013) não tinham links. No entanto, quando estes estavam presentes, traziam boa contextualização (CAVALCANTI, 2013; LEITÃO, 2014), ainda que majoritariamente remetendo a páginas internas (CAVALCANTI, 2013). Cavalcanti (2013) só identifica em um dos 445 conteúdos avaliados o leitor como construtor da notícia, o que indica baixa *interatividade*. Falcão (2013) chama a atenção para a interatividade através do Blog do Torcedor. A *memória*, de acordo com as pesquisas levantadas, é bem explorada pelo site e possibilita acesso ao arquivo do jornal para contextualização (LEITÃO, 2014). Cavalcanti (2013) não identifica

recursos ligados à *personalização* no portal, mas Leitão (2014) destaca a liberdade do leitor para navegar pelo site. *Ubiquidade* e *instantaneidade* não foram analisados pelos autores.

### Considerações finais

As discussões sobre as aplicações dos elementos do ciberjornalismo são fundamentais para o entendimento da produção editorial jornalística atual. O presente levantamento buscou mapear o que os bancos de teses da CAPES e do IbiCT trazem de investigações a esse respeito. Verifica-se uma ampla produção, com maior foco na exploração de multimídia, hipertextualidade e interatividade pelos veículos. Os três elementos são, de fato, os que mais frequentemente são referidos como definidores do novo meio. A ubiquidade, por outro lado, esteve presente só em duas das pesquisas levantadas – enquanto hipertextualidade esteve em 27; multimídia, em 26; e interatividade, em 25. O baixo índice pode se justificar por esse ser um fenômeno em ascensão, muito ligada aos *smartphones*, e a produção bibliográfica a seu respeito ainda estar crescendo.

Com 88 veículos investigados, a produção mapeada é plural. Os cibermeios estudados se distinguem pelo perfil (vinculados a jornais ou redes de comunicação, nativos da Internet, blogs, etc.) e pela origem geográfica – há sites de 7 estados das 5 regiões do país. Percebe-se ainda que o debate interessa a acadêmicos de várias instituições, uma vez que o mapeamento identificou teses e dissertações de 12 universidades pelo Brasil. Apesar da diversidade, destacam-se Folha de S.Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo, Zero Hora e NE10 como os sites mais estudados. Os quatro primeiros são também os jornais impressos de maior circulação no Brasil (excetuando-se o jornal popular Super Notícias)<sup>12</sup>, o que indica que estes seguem como referência quando o assunto é Web.

O levantamento aqui realizado mostra, portanto, que o interesse pelo debate sobre o aproveitamento das potencialidades da Internet pelo jornalismo existe. Mesmo assim, pelo que indicam os resultados do mapeamento, o campo carece de trabalhos que investiguem a incorporação de todas as sete potencialidades apontadas por Canavilhas *et al.* Da mesma forma, áreas ainda incipientes, como o estudo da ubiquidade podem ser mais exploradas, aliando-se às frequentes pesquisas sobre dispositivos móveis. Cabe também verificar a evolução de cibermeios em aspectos ainda pouco aproveitados, como a integração dos recursos multimídia, o maior e mais adequado uso do hipertexto e o acesso à memória por dispositivos móveis. Outra possibilidade de novas pesquisas envolve uma análise

---

<sup>12</sup> Fonte: IVC. Disponível em: <<http://bit.ly/29sdG4w>>. Acesso em 13 jul. 2016.

comparativa entre diferentes modelos de produção editorial jornalística – dos jornais locais, aos grandes portais e sites de veículos impressos –, visto que este levantamento mostra comportamentos diversos de acordo com o perfil do cibermeio.

Constituído como “pesquisa da pesquisa”, este trabalho buscou levantar em dois dos principais bancos de teses e dissertações do país investigações que discutam a produção editorial ciberjornalística, a partir da exploração das potencialidades da *web*. Apresentam-se, assim, possíveis delineamentos para pesquisas futuras e aprofundamentos na elaboração de um estado da arte no âmbito do Mestrado.

## REFERÊNCIAS

ALONGE, W. **Blogs entre o contínuum e o degradé**: um estudo de gêneros ciberjornalísticos e critérios de noticiabilidade (Dissertação de Mestrado). Bauru: UNESP, 2013.

AMARAL, I. **A interactividade na esfera do Ciberjornalismo**. In: BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2005.

ANDRADE, L. **Jornalismo Econômico na Internet**: A construção da crise econômica (2008-2010) nos webjornais da Folha e Estadão (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, 2015.

BASTOS, H. A diluição do jornalismo no Ciberjornalismo. In.: **Estudos em Jornalismo e Mídia** . Florianópolis - Vol. 9 Nº 2 – jul. a dez. 2012.

BONIN, J. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre – n.37, ed. dez., 2008, p.121-127.

BOTÃO, A. M.. **A notícia na ponta dos dedos**: as multitarefas que constroem o jornalismo digital em dispositivos móveis (Dissertação de Mestrado). Brasília: UNB, 2013.

CALADO, K. **Narrativas jornalísticas no tablet**: aspectos estruturais em produtos de notícia, com estudos de caso do O Globo a Mais e Jornal do Commercio (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 2014.

CANAVILHAS, J. (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014. P. 3-24.

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo**: Considerações gerais sobre jornalismo na web. In: BOCC. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2001.

CANAVILHAS, J. **Webnoticia**: propuesta de modelo periodístico para la WWW. Covilhã: Livros Labcom, 2007.

CAVALCANTI, I. H. **O Webjornalismo e suas potencialidades**: um estudo de caso do portal NE10 (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 2013.

CONDE, M. **A lógica e a estrutura do texto jornalístico nas mídias impressa e digital**: uma análise do jornal O Globo, O Globo Online e do aplicativo para tablet O Globo a Mais (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, 2014.

- CUNHA, K. S. **A reambientação do jornalismo popular no meio digital**: uma análise do Diário Gaúcho e do Extra (Tese de Doutorado). Porto Alegre: PUCRS, 2015.
- DALMASO, S. **Posts intertextuais**: um estudo de links nos blogs Luis Nassif Online, Conversa Afiada e O Biscoito Fino e a Massa (Dissertação de Mestrado). Santa Maria: UFSM, 2011.
- FALCÃO, C. **O Infotainment no Webjornalismo**: Um Estudo de Três Portais de Notícia Pernambucanos (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 2013.
- FERREIRA, R. **A divulgação científica por meio de blogs de revistas científicas** (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo: UNISINOS, 2012.
- FIGUEIREDO, D. R. **Interação em trânsito**: Jornalismo para dispositivos móveis (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo: UNISINOS, 2014.
- GALARÇA, S. **Jornalismo online na sociedade da informação**: como um grupo de internautas de Santa Catarina avalia a qualidade do Terra Notícias e do Diário Catarinense (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- GRANDE, C. **A produção da informação em sites de notícias**: um olhar sobre o G1 e a Folha de São Paulo (Dissertação de Mestrado). Londrina: UEL, 2015.
- JUNG, P. **Jornalismo em tempos de cibercultura**: um estudo do ClicRBS (Tese de Doutorado). Porto Alegre: PUCRS, 2006.
- LEÃO, C. **Recursos de storytelling jornalístico em dispositivos móveis a revista Época para tablet** (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 2015.
- LEITÃO, A. C. **O espaço e o tempo na web**: caminhos e adequações do jornalismo para a produção factual de qualidade (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 2014.
- LINDEMANN, C. **O jornal Zero Hora e seus leitores no contexto de convergência jornalística** (Tese de Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2014.
- LUCAS, D. **Webjornalismo**: a construção jornalística nos Portais ORM e Diário Online (Dissertação de Mestrado). Belém: UNAMA, 2014.
- LUNA, D. C. **Hipertextualidade na construção do sentido das notícias na web**: um estudo do portal de notícias JC Online (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 2010.
- MAGALHÃES, C. **O trabalho do repórter no processo de integração do impresso para o online no Diário Gaúcho, um jornal popular** (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: PUCRS, 2015.
- MARTINS, A. V. **De volta ao passado nos dez anos do 11/09**: tessitura da memória em uma nova ecologia das mídias (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, 2013.
- MIELNICZUK, L. **Jornalismo online e os espaços do leitor**: um estudo de caso do NetEstado (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- NORMANDE, N. **Estado da arte nas narrativas multimídias**: análise de produções premiadas e casos ilustrativos (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, 2014.

- NUNES, A. C. **A convergência midiática e editorial no jornalismo móvel**: uma análise do The Daily (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: PUCRS, 2013.
- OLIVEIRA, V. R. **Interfaces jornalísticas em tablets**: o design digital da informação nos aplicativos móveis (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC, 2013.
- PALACIOS, M. **Jornalismo Online, Informação e Memória**: Apontamentos para debate. Livro de atas – 4º SOPCOM, 2002.
- PARRA VALCARCE, D.; ÁLVAREZ MARCOS, J. **Ciberperiodismo**. Madrid: Síntesis, 2004.
- PAVLIK, J. **Journalism and New Media**. Nova York: Columbia University Press, 2001.
- PAVLIK, J. Ubiquidade: O 7º princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS,. (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014. P. 159-183.
- ROCHA, J. **O Glocal no ciberjornalismo regional**: Análise dos sítios de web notícias de Dourados (Dissertação de Mestrado). Campo Grande: UFMS, 2014.
- ROST, A. **La interactividad en el periódico digital** (Tese de doutorado). Barcelona: UAB, 2006.
- SALAVERRÍA, R. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS,. (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014. P. 25-52.
- SARAIVA JÚNIOR, S. **Atenas 2004 na Internet**: uma análise da cobertura jornalística das Olimpíadas pelos sites brasileiros (Dissertação de Mestrado). Bauru: UNESP, 2005.
- SCHMITT, V. **Tendências dos jornais on-line na disseminação personalizada do conhecimento** (Tese de Doutorado). Florianópolis: UFSC, 2012.
- SCHWINGEL, C. **Sistemas de produção de conteúdos no ciberjornalismo**: A composição e a arquitetura da informação nos produtos jornalísticos (Tese de Doutorado). Salvador: UFBA, 2008.
- SEIBT, T. **Redação integrada**: a experiência do jornal Zero Hora no processo de convergência jornalística (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo: UNISINOS, 2014.
- SILVA, D. **Construção da Violência Sexual Infanto-Juvenil em Webnotícias**: um estudo de caso no G1 e na Folha.com (2007-2011) (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, 2013.
- SOUZA, C. N. **Processo de elaboração da notícia no Ciberjornalismo**: estudo de caso do portal d24am (Dissertação de Mestrado). Manaus: UFAM, 2013.
- SOUZA, M. **Revistas Jornalísticas para Tablet**: Uma análise comparativa entre os modelos convergente e nativo digital (Tese de Doutorado). Salvador: UFBA, 2013.
- TEROSSI, K. **Webjornalismo e violações de direitos da cidadania**: análise de coberturas sobre trabalho escravo (Dissertação de Mestrado). Bauru: UNESP, 2012.
- VIEGAS, R. **Webjornalismo colaborativo**: a presença dos usuários no conteúdo informativo do Portal R7 (Dissertação de Mestrado). São Bernardo do Campo: UMESP, 2015.
- ZAMITH, F. **A contextualização no ciberjornalismo** (Tese de Doutorado). Porto: Universidade do Porto, 2011.